

RUBEM BRAGA

Afonso Arinos

A CHO que Afonso Arinos de Melo Franco vai ganhar a eleição para senador pelo Distrito Federal. Pelo menos esta é a impressão que me dá a fúria com que o atacam seus adversários, ou para falar com mais precisão, os que patrocinam a pífia candidatura do sr. Luterio Vargas.

Devo dizer, antes de mais nada, que não vou votar em Afonso Arinos, nem em Alencastro Guimarães, a quem igualmente dedico afeto e admiração. Votarei em João Mangabeira, como sempre fiz, não apenas pelas suas altas qualidades morais e intelectuais como porque suas idéias estão mais perto das minhas.

Quero, entretanto, trazer meu depoimento em favor de Afonso, porque me dói verificar a impressão que causa em pessoas de bem, inclusive em pessoas inteligentes, a campanha desonesta que se faz contra ele. Dizer, por exemplo, que pertence a «uma casta plutocrática» é querer apresentá-lo como homem rico, a serviço de ricos. Conheço Afonso há 25 anos e nunca soube que ele vivesse de outra coisa além de seu trabalho — como advogado, ou professor, ou jornalista, ou escritor, ou parlamentar — e sempre o vi viver modestamente. Chamar de «sibarita» esse homem que há tempos, quando ia receber amigos em sua casa, me consultava sobre o uísque que tinha mandado comprar, um canadense ruim, cujo preço, entretanto, já o assustara...

«Aristocrata» ele será, mas sem aspás. Na verdade ele se orgulha, e com toda razão, de sua família, que deu e dá ao Brasil homens de valor no campo da inteligência e do estudo, homens de talento e de espírito público. Não vejo nada mais estimável que essa aristocracia do espírito e do caráter, que tanta inveja deve causar aos «parvenus» capazes de todos os golpes sujos, todas as cavações, todas as maroteiras. Reacionário? É possível que entre os vinte e os trinta anos, quando, pelo próprio fato de viver na Europa, seu nacionalismo se exarcebou, esse nacionalismo tenha se colorido, como era comum naquele tempo, de tintas da Direita. Desde, porém, que tomou contacto com a vida pública brasileira, Afonso se convenceu de que só com a democracia o Brasil poderia realizar seus destinos, e foi por isso que lutou contra a Ditadura, quando facilmente poderia ter se acomodado nela. Nacionalista ele continuou sendo, e é; foi sob sua liderança que a bancada da oposição reformou o projeto entreguista do governo Vargas para assegurar à Petrobrás o verdadeiro monopólio estatal; dentro da UDN e depois na Câmara ele se bateu pelo monopólio estatal e contra os dispositivos do anteprojeto que permitiam a intromissão dos trustes. Bateu-se e venceu.

Eu poderia citar também, como ato desse «aristocrata» orgulhoso e inimigo do povo a lei Afonso Arinos, que transformou em crime a discriminação racial no Brasil. Mas prefiro falar do homem de jornal com quem trabalhei aos vinte anos de idade, quando ele tinha trinta: um diretor de jornal honesto e justo, amigo de todos os auxiliares, que um dia, quando se desentendeu com o dono da empresa, teve uma grande emoção: todo o pessoal desceu com ele as escadas da redação para fundar outra fôlha.

Qual a grande acusação que se faz a Afonso? Que ele anda por aí em caminhão, para entrar em contacto mais direto com o povo? Mas então têm medo de que o povo entenda melhor o «aristocrata» que os pelegos e cavadores que sempre o exploraram e oprimiram? Não foi Afonso Arinos nem o pai dele que proclamou que «o voto não enche barriga de ninguém»...

A crônica já está comprida demais, e só por isso encerro aqui meu depoimento espontâneo e desinteressado sobre um homem digno que tem prestado excelentes serviços ao Brasil e que só pode honrar o Senado com a sua presença.